

Capítulo I

Como o senhor Walser está contente! No meio de arbustos, ervas selvagens e outras manifestações da natureza ainda em pleno e imprevisível trajecto de vida, eis que foi possível construir — por via de um sentido técnico especializado de que só a grande civilização é capaz — a casa simples, sem nada de luxuoso ou ostensivo, uma mera casa para viver, a de Walser, homem que se encontra, por enquanto, sozinho no mundo, mas que vê naquela construção finalmente terminada — quantos anos demorou?! tantos! — uma oportunidade para no fundo, sejam sinceros, encontrar companhia.

Se até ali a ausência de um espaço confortável, fechado, unicamente seu, fora um obstáculo intransponível para a execução prática de alguns convites que estavam bem ali, há vários anos, na sua cabeça, como que já escritos ou verbalizados, agora, ainda com o ostensivo cheiro a novo que vinha das madeiras, da pintura das paredes, do próprio ruído das máquinas necessárias à sua vida doméstica de homem sem companhia, mas que ainda assim, está claro de ver, se alimenta e suja as coisas, agora, então, com a nova casa, tudo lhe parecia possível. A casa não era para Walser apenas um lugar que a humanidade conquistara ali à floresta, ao espaço

que as coisas não humanas pareciam ter determinado como seu — era ainda uma paisagem ideal para começar a falar com outros homens — e como ele sentia necessidade disso. Poderiam — já havia sofás! — sentar-se e falar sobre os assuntos do mundo.

Walser prometera mesmo a si próprio ter sempre o jornal do dia que de manhã traria lá de baixo com a avidez física dos que num balde trazem para casa água do poço. Sabia bem que o afastamento geográfico da sua casa em relação a um certo centro onde a frequência de acontecimentos parece obedecer a outras regras fazia incidir sobre o papel fraco do jornal uma outra luz. Tratava-se, afinal, de manter a presença física, e de certa forma também espiritual, dos acontecimentos humanos. E tal era tarefa indispensável, tanto mais que Walser recusara desde o início a possibilidade de instalação de qualquer artefacto técnico que desse acesso a imagens. Apenas o jornal. Mais do que isso, não.

Capítulo II

Diga-se que esta expectativa de criação de um espaço seu onde pudesse falar simplesmente com outros homens, argumentar, discutir grandes ou pequenas ideias, assuntos que interessassem a países ou continentes e assuntos que só interessassem à comunidade próxima, essa ânsia no fundo de um clima racional de convívio, não deve ser confundida com uma estúpida e inconsciente entrega ao barulho disforme de uma cidade. Pelo contrário, o local onde decidira construir a nova casa não fora escolhido ao acaso. Situada a uns bons quilómetros do bairro mais próximo, a construção estava rodeada, como se disse já, de uma concentração de natureza nada receptiva a caminhares solitários, tal o emaranhado de galhos de árvores que pareciam por vezes absolutamente incontroláveis — como que dementes; quanto mais pensar na possibilidade de avanço de coisas mais largas: um mero carrinho de mão, por exemplo, tinha um único trajecto possível para alcançar a casa de Walser — e essa estrada única — com uma largura, a certo momento, não superior a dois metros — tinha de ser defendida — como se se tratasse de uma donzela — não a cada dia, é certo, mas definitivamente (pelo menos) a cada mês, dos avanços silenciosos, mas absolutamente eficazes, da floresta.

A partir de um certo momento, em que a estrada já só ia dar à sua casa, ultrapassados todos os cruzamentos, Walser sabia mesmo que não poderia contar com ninguém senão consigo próprio para defender o pequeno tapete de terra organizada que os bons materiais da civilização haviam construído. Por mais que por lei fosse claro que aquela era uma responsabilidade não sua, pessoal, mas da comunidade, Walser conhecia, embora não profundamente, os homens — o bastante para não ter ilusões exageradas. Por isso comprara já o seu machado, de dimensões significativas, bem guardado, é certo (quase escondido), num dos compartimentos da casa de mais difícil acesso, pois tal objecto era para Walser uma quase indesculpável infiltração de agressividade num espaço — o seu — que fora construído para atrair o oposto: a cordialidade, o aperto de mão entre dois homens que se entendem depois de uma longa conversa argumentada, um abraço comovido de uma despedida e, eventualmente, quem sabe — Walser ainda mantinha essa esperança —, um beijo apaixonado, o encontrar de uma companhia definitiva.

Capítulo III

Como Walser está contente! Mal se abre a porta de sua casa — sente ele —, entra-se noutro mundo. Como se não fosse apenas um movimento físico no espaço — dois passos que se dão —, mas também uma deslocação — bem mais intensa — no tempo; do pé de trás que vem ainda com o cheiro a terra e com a sensação, nada objectiva, mas que existe, de que estamos rodeados de coisas vivas que não compreendemos na totalidade e não nos compreendem — os elementos da floresta —, desse pé de trás para o pé da frente, que já ultrapassou a ombreira da porta, a distância não deve ser medida em centímetros de passada, mas em séculos, talvez milénios. Quando fechava a porta atrás de si, Walser sentia virar as costas à inumana bestialidade (de que saíra, é certo, há biliões de anos atrás, um ser dotado de uma inteligência invulgar — esse construtor solitário que era o Homem) e entrar em cheio nos efeitos que essa ruptura entre a humanidade e a restante natureza provocara; uma casa no meio da floresta, eis uma conquista da racionalidade absoluta.